

TRADUÇÃO EM PERSPECTIVA: DESAFIOS DA REVISÃO DE TEORIA DA TRADUÇÃO

TRANSLATION INTO PERSPECTIVE: TRANSLATION THEORY PROOFREADING CHALLENGES



Davi Silva GONÇALVES

Professor

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Departamento de Letras

Irati, Paraná, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4264535213871108>

<https://orcid.org/0000-0001-8825-2859>

bauer.davi@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão acerca do processo de revisão do livro *Tradução em perspectiva: um diálogo entre tradutores e conceitos teóricos*, organizado por Liliam Cristina Marins e Aline Scarmen Uchida. Publicado em 2020 pela editora Solar dos Livros, o volume reúne nove capítulos escritos por diferentes autores e traduzidos por dezessete tradutores, sendo que muitos dos textos foram vertidos por mais de um profissional. A partir da experiência como um dos revisores da obra, busco identificar os principais desafios que emergem desse processo coletivo. A noção de *colaboração* constitui o elemento central que sintetiza a concepção, a execução e a materialização do projeto, uma vez que a dinâmica dialógica estabelecida entre organizadoras, tradutores e revisores configurou-se como condição fundamental para a obtenção de um resultado satisfatório. Considerando a rede de interdependência entre os agentes envolvidos na produção do volume (Latour, 1994; 2012), argumento que a tradução, enquanto experiência dialógica, deve ser compreendida simultaneamente como prática de troca e de comunicação.

Palavras-chave. Revisão de teoria da tradução. Tradução colaborativa. Revisão colaborativa.

Abstract: This article reflects upon the proofreading process of the book *Translation into Perspective: A Dialogue between Translators and Theoretical Concepts*, organised by Liliam Cristina Marins and Aline Scarmen Uchida. Published in 2020 by Solar dos Livros, the volume comprises nine chapters written by different authors and translated by seventeen translators, many of whom worked in collaboration. Based on my experience as one of the proofreaders, I seek to identify the main challenges emerging from this collective process. The concept of *collaboration* is here understood as the key element synthesising the conception, execution, and materialisation of the project, since the dialogical dynamic established among organisers, translators, and proofreaders proved decisive for the successful outcome. Considering the interdependent network of agents engaged in the production of the volume (Latour, 1994; 2012), I argue that translation, as a dialogical experience, must be conceived both as an act of exchange and of communication.

Keywords: Translation theory proofreading. Collaborative translation. Collaborative proofreading.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Introdução: “Uma tal rede”

Organizado pelas professoras Liliam Cristina Marins e Aline Scarmen Uchida, o volume *Tradução em perspectiva: um diálogo entre tradutores e conceitos teóricos* reúne nove textos dedicados a diferentes vertentes da teoria da tradução. A revisão dos capítulos, traduzidos à época por estudantes do quinto ano do Bacharelado em Tradução da Universidade Estadual de Maringá, contou com a participação das próprias organizadoras, bem como da professora Rosa Maria Olher e deste autor. Tanto a tradução quanto a revisão configuraram-se como processos colaborativos, uma vez que envolveram a atuação simultânea de múltiplos agentes em cada etapa.

A colaboração, nesse contexto, pode ser considerada um dos traços mais característicos do campo tradutório contemporâneo. Trata-se de uma hipótese amplamente discutida por pesquisadores da sociologia da tradução, os quais ressaltam o papel das tecnologias na constituição de redes de agentes ativos e interdependentes. No caso específico desta obra, com exceção de poucos capítulos, a maioria dos textos foi vertida para o português brasileiro por meio de práticas de tradução colaborativa, realizadas a quatro ou seis mãos. Como definem Reis et al. (2018, p. 94), “de uma forma geral, a tradução colaborativa é definida como um processo em que dois ou mais agentes cooperam no trabalho de passar uma obra de uma língua para outra”. Ainda segundo as autoras:

A tradução colaborativa é uma prática atualmente comum na Internet, principalmente em comunidades dedicadas à legendagem de filmes, seriados e livros recém-lançados. O crescimento desta prática obriga teóricos e estudiosos da tradução a repensarem o paradigma ocidental, consolidado no decorrer do século XX, centrado na individualidade e profissionalização do tradutor moderno. (Reis et al., 2018, p. 95)

A representação tradicional do tradutor como um sujeito isolado em sua “torre de Babel”, rodeado por livros, dicionários, gramáticas e glossários, entregue unicamente a suas próprias elucubrações, já não corresponde às práticas contemporâneas da tradução. Do mesmo modo, a concepção segundo a qual o tradutor desempenharia apenas a função de transportar, de maneira inequívoca e linear, um sentido exato de uma língua para outra não encontra mais respaldo teórico ou empírico. Hoje, o tradutor é compreendido como mediador, nos termos postulados por Bruno Latour (1994; 2012), cuja teoria orienta a reflexão aqui

proposta. Conforme o autor, “os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (Latour, 2012, p. 65). A tradução, portanto, não consiste em simples transposição de significados, mas em sua necessária modificação. Nesse sentido, pode-se concebê-la como uma viagem: um deslocamento que, ao conduzir de um espaço a outro, envolve igualmente uma travessia temporal. O sujeito que parte jamais coincide inteiramente com aquele que chega, pois o processo o modifica de modo irreversível. A tradução, como a viagem, implica um percurso transformador em que o ponto de origem e o ponto de destino não se sobrepõem. O “eu” do embarque não é idêntico ao “eu” do desembarque, ainda que ambos pertençam à mesma trajetória.

Um ponto analítico importante da ANT¹ é que ela insiste que agentes sociais não estão nunca localizados em corpos e somente em corpos, mas que ao contrário, um ator é uma rede de certos padrões de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por uma tal rede. O argumento é que pensar, agir, escrever, amar, ganhar dinheiro – todos atributos que nós normalmente atribuímos aos seres humanos, são produzidos em redes que passam através do corpo e se ramificam tanto para dentro e como para além dele. Daí o termo ator-rede – um ator é também, e sempre, uma rede. (Law, 1992, p. 5)

Retomando a analogia proposta, o viajante que se desloca de um ponto a outro não apenas percorre distâncias externas, mas também atravessa transformações íntimas, forjadas tanto no contato com sua interioridade quanto na tessitura de múltiplas relações que se entrelaçam ao longo do caminho. Ainda que se trate de uma viagem solitária, há sempre interações inevitáveis: a parada para o reabastecimento, a música que permeia o trajeto, a paisagem que se inscreve na memória, a comunicação mediada por dispositivos, a espera diante de obras programadas ou de imprevistos que se erguem como acidentes.

Assim também se configura o processo tradutório: constantemente interrompido por resistências já inscritas no texto ou por eventualidades que emergem de modo imprevisível. À medida que o tempo avança e os quilômetros se acumulam, o sujeito que viaja — ou que traduz — se metamorfoseia. A bagagem, embora permaneça a mesma em essência, adquire novos pesos, sedimentos depositados pela experiência do percurso. No ônibus ou no avião, o encontro com outros viajantes intensifica esse movimento de transformação; de modo análogo, o texto traduzido não é apenas transportado, mas atravessado por uma rede de

relações heterogêneas e infinitas, nas quais o sentido se expande, se fragmenta e se reconfigura.

Nesse horizonte, a reflexão de Barbosa (2021, p. 13) ilumina a distinção fundamental entre a teoria ator-rede e outras sociologias: enquanto estas pressupõem a existência de múltiplos intermediários e poucos mediadores, aquela parte da convicção de que todo ambiente abriga uma profusão de mediadores, passíveis de estabilização e posterior conversão em intermediários. Sob essa chave, autor, tradutor e revisor podem ser compreendidos como ocupando posições intermediárias que, à luz dos pressupostos de Latour (1994, 2012), revelam a complexidade e a dimensão colaborativa da revisão de traduções no campo da teoria da tradução.

Partindo desse fio teórico, a presente análise busca articular reflexões em torno das curiosidades e desafios que emergiram na tarefa de traduzir o volume organizado por Marins e Uchida (2020). O primeiro capítulo, “Um diálogo sobre tradução”, escrito por Patrick Cattrysse e Thomas Leitch e traduzido por Ciro de Andrade, apresenta uma discussão sobre a interdisciplinaridade dos estudos tradutórios. Em seguida, Brian McFarlane, no capítulo “Não era assim no livro”, traduzido por Natália Corbello, problematiza a relação hierárquica entre literatura e adaptação cinematográfica.

No terceiro capítulo, “Tradução como processo de adaptação linguística e cultural”, Christiane Nord, traduzida por Analu Rupp, Danielle Kataoka e Felipe Lisbôa, questiona a sinonímia frequentemente atribuída aos conceitos de tradução e adaptação. Já John Milton, em “Estudos da Tradução e Estudos da Adaptação”, vertido por Gabriele Lopes, Kamila Ferreira e Marcella Martinez Marques, explora os vínculos e tensões entre esses dois campos de saber.

No quinto capítulo, “Ideologia da tradução versus tradução de ideologia”, Yil Fang propõe uma reflexão filosófica e hermética acerca dos elementos metafísicos que atravessam a história dos estudos da tradução, texto cuja tradução foi realizada por Michelle Joaquim e Oliver Camargo. “Definindo funções da tradução: o projeto de tradução (translation brief) como diretriz para o tradutor em formação”, sexto capítulo, escrito por Christiane Nord e traduzido por Allan Furtado e Bruno Bonafé, destaca a importância do projeto de tradução como ferramenta de orientação para garantir que o público receba uma versão ideal dentre as muitas possíveis.

O sétimo capítulo, “O outro da tradução”, de Theo Hermans, traduzido por Laura Zanette, estabelece diálogos entre hermenêutica e estudos da tradução. Em “O que é tradução

queer”, Nir Kedem, traduzido por Julia Goya e Ícaro Gonçalves, insere a perspectiva queer no campo tradutório. Por fim, “Trajetórias de pesquisa nos estudos de tradução”, de Maria Tymoczko, traduzido por Jean Alexandre e Ramon Alves, examina os caminhos percorridos pela disciplina, mostrando como esta não apenas se nutriu de outras áreas do conhecimento, mas também se tornou fonte fecunda para que outros saberes pudessem dela beber

Análise: Revisão, re-visão, reversão

A partir deste ponto, volto meu olhar para cada um dos capítulos mencionados na introdução, a fim de compartilhar a experiência que denomino, no subtítulo desta análise, de revisão, re-visão e reversão. Essa tríade, que se desdobra em etapas complementares, traduz o percurso metodológico que empreendi no processo de revisão do volume. 1) Revisão: na primeira leitura do texto traduzido, busquei detectar os “estranhamentos espontâneos”, isto é, momentos em que a língua portuguesa parecia destoar de sua cadência natural. Esses pontos foram assinalados, enquanto equívocos formais mais objetivos — como ortografia, pontuação e concordância — foram prontamente corrigidos. 2) Re-visão: numa segunda leitura, o movimento foi de retorno e cotejo. Relendo o texto de partida, procurei compreender se os estranhamentos indicavam escolhas estilísticas do autor ou do tradutor, se se tratavam de idiossincrasias próprias do tema ou da língua, ou ainda se eram sinais de incongruências mais profundas, suscetíveis de intervenção. 3) Reversão: por fim, quando os impasses não se resolviam, abri mão da solução proposta pelo(a) tradutor(a), regressei ao texto fonte e elaborei uma nova versão. Nesse gesto, a reversão é simultaneamente retorno e criação — um movimento que retoma e reinventa. Vieira (2013, p. 9) lembra que, “como a tradução não deixa de ser resultado de um processo de produção textual, o texto traduzido precisa passar por uma série de etapas: planejamento, redação e revisão”. De certo modo, essas fases tangenciam o itinerário que descrevo acima.

É importante destacar que, neste projeto, a proximidade com as organizadoras e o acesso facilitado aos tradutores permitiram uma comunicação fluida e contínua. Tal circunstância, longe de ser banal, contrasta com a condição habitual de isolamento em que, muitas vezes, o(a) revisor(a) se encontra — posição que, por vezes, também recai sobre o(a) tradutor(a). Em contextos menos colaborativos, resta ao revisor recorrer a consultas em fóruns, ao diálogo com especialistas ou, não raramente, às próprias decisões solitárias e arbitrárias. Neste caso, porém, a natureza acadêmica e coletiva da publicação garantiu liberdade para propor alterações e segurança de que tais propostas seriam acolhidas.

À primeira vista, o trabalho de revisar uma tradução pode parecer tarefa simplificada pelo zelo prévio do(a) tradutor(a), cujo compromisso com a legibilidade tende a ser até maior que o do próprio autor. Contudo, como adverte Vieira (2013, p. 11), “nem sempre a ilegibilidade é advinda da tradução, porque, ao comparar a tradução com o original, é possível se surpreender com problemas discursivos no texto de partida”. Essa observação toca num ponto sensível: tendemos a aceitar ambiguidades ou obscuridades quando emanam diretamente do autor, mas exigimos clareza absoluta do texto traduzido. A tradução, nesse sentido, é compelida a suavizar ou elucidar mesmo aquilo que, na origem, se apresenta difuso ou indecifrável.

As dificuldades discursivas, porém, nem sempre se deixam sanar no processo tradutório. Entre as razões possíveis estão: (1) a indisponibilidade ou mesmo o desinteresse do(a) autor(a) em esclarecer passagens nebulosas; (2) a publicação inadvertida de trechos mal formulados, ocorrência mais comum do que se imagina; (3) o esquecimento do(a) próprio(a) autor(a) quanto ao sentido originalmente pretendido, eventualidade ainda mais frequente. Assim, como sublinha Vieira (2013, p. 2), “um texto traduzido é produto de uma retextualização, cujo resultado final nem sempre está isento de estranhezas. O texto traduzido torna-se carregado de marcas ou ‘cicatrices’ que, muitas vezes, podem provocar as reações mais diversas em quem o lê”.

Essas cicatrizes tornam visível a complexidade do ofício tradutório, cuja delicadeza escapa à lógica do senso comum, que costuma reduzi-lo a um exercício de correspondência palavra por palavra. O livro em questão, entretanto, ao ser organizado por docentes do curso de Tradução da UEM, traduzido por discentes e revisado por profissionais da área, exemplifica o caráter formativo e técnico desse trabalho. Para além do domínio linguístico — indispensável, mas insuficiente —, evidencia-se aqui a exigência de competências específicas e refinadas, sem as quais a tessitura de um projeto dessa envergadura não poderia alcançar a densidade e a qualidade necessárias.

É preciso situar a discussão sobre competência como conhecimento especializado para que se possa consolidar a profissionalização do tradutor e coibir a prática deliberada e amadora. Hoje, os questionamentos a respeito do perfil do tradutor não se concentram mais nos antigos parâmetros em torno do domínio linguístico. Afinal, nem todo bilíngue, embora possua fluência nas línguas que domina, apresenta as habilidades imprescindíveis para a tarefa da tradução. Mas essa habilidade pode ser

adquirida ao longo do tempo com a prática tradutória e se transformar em competência. (Vieira, 2013, p. 8)

Evidentemente, o domínio linguístico, embora indispensável, não esgota as competências necessárias ao tradutor. Espera-se que ele também detenha habilidades textuais que dialoguem intimamente com as do revisor, pois a tradução, em seu contínuo processo de aperfeiçoamento, é incessantemente atravessada por revisões. Como lembra Vieira (2013, p. 3), “a revisão faz parte de uma das competências do tradutor”. Nesse sentido, no caso do livro *Tradução em perspectiva* (2020), o trabalho de revisão apresentou-se menos árduo, já que os textos chegaram em estado relativamente amadurecido.

Um dos primeiros desafios emergiu diante das citações a fontes externas. Em consonância com as organizadoras do volume, adotamos como procedimento a busca das fontes originais sempre que possível; quando indisponíveis, a tradução desses trechos foi realizada por minha própria intervenção, assumindo o risco inerente a esse gesto. Exemplo disso é o argumento de Thomas Leitch (2020, p. 8): “uma das coisas de que mais gostei em *Descriptive Studies* foi sua habilidade em me fazer pensar, enquanto lia: ‘essa com certeza não é a maneira como eu abordo o tema [...]’”.

Além disso, termos como “fidelidade”, “adequação” e “equivalência” surgem de maneira recorrente, conceitos fundacionais da tradição dos Estudos da Tradução, cuja permanência se impôs como necessária. Evitar sua repetição por meio de sinônimos seria, nesse contexto, trair a densidade histórica que tais palavras carregam. Igualmente, optamos por manter acrônimos em língua inglesa, como ANT (*Actor-Network Theory* – Teoria Ator-Rede) e DAS (*Descriptive Adaptation Studies* – Estudos Descritivos de Adaptação), preservando a familiaridade que possuem na literatura especializada.

Em outro momento, os autores evocam a lenda de Robin Hood e seu antagonista: “às vezes é melhor ser Robin Hood do que Príncipe John” (Cattrysse; Leitch, 2020, p. 25). Cogitei, inicialmente, acrescentar uma nota explicativa, como fizera diante da menção ao “yin e yang”. Contudo, por se tratar de um mito amplamente conhecido também no Brasil, concluímos que seria mais pertinente reservar notas para o esclarecimento de conceitos teóricos, evitando sobrecarregar ainda mais textos já densos em sua carga conceitual.

Em algumas passagens, ajustes sutis tornaram-se necessários para preservar a informalidade do original em inglês. Assim, substituí expressões como “pensar criativamente” por “pensar fora da caixa”, evitando que a tradução, em sua tendência quase

instintiva de alongar e sofisticar o texto, obscurecesse a leveza intencional da escrita. Não se trata de reproduzir o artifício das *belles infidèles*, mas de reconhecer que, em línguas românicas, a escrita tende a se revestir de formalidade, afastando-se da oralidade. Daí a insistência, muitas vezes inconsciente, em domesticar o tom cru e direto do inglês.

Essa questão se manifesta também na tradução do texto de McFarlane (2020, p. 35), em que a palavra “infidelidade” foi substituída por “escapadas”, adequando-se ao tom descontraído da discussão: “A fidelidade pode ser desejável em um casamento, mas, no que se refere às adaptações, as escapadas produzem mais frutos”. Para fortalecer a memória cultural do leitor, recorri às traduções brasileiras dos filmes mencionados, como *A época da inocência*, *Mulheres apaixonadas* e *As patricinhas de Beverly Hills*.

Outros desafios se intensificaram nos textos de Christiane Nord, que mobilizam múltiplas línguas — francês, alemão, finlandês — e dialogam com autores como Huxley, Proust, Shakespeare e Voltaire. Nesse caso, optei por recorrer às traduções já consagradas no sistema literário brasileiro, reforçando a autoridade intertextual. Trechos não traduzidos no original foram vertidos para o português, de modo a uniformizar o padrão: traduzir todos os excertos em língua estrangeira que não fossem o inglês.

Exemplo significativo é a citação de Simone de Beauvoir, apresentada em suas versões francesa, alemã e inglesa, às quais acrescentamos a brasileira: “Beauvoir: *Une mort très douce*; tradução em alemão: *Ein sanfter Tod*; tradução em inglês: *A very easy death*; tradução em português: *Uma morte muito fácil*” (Nord, 2020, p. 52). Nesse caso, a fidelidade conceitual foi decisiva: termos como *skopos*, “estrangeirização” e “domesticação” foram preservados de acordo com a tradição tradutória brasileira, evitando substituições inadequadas.

O texto de John Milton, *Estudos da tradução e Estudos da adaptação* (2020, pp. 59-70), revelou outra complexidade: a profusão de termos sinonímicos e a extensa lista de obras citadas. Mantive, portanto, os títulos já traduzidos no Brasil (*O morro dos ventos uivantes*, *Moby Dick*), preservando em inglês os ainda inéditos. Diferente em estilo, o texto de Fang (*Ideologia da tradução versus tradução da ideologia*, 2020, pp. 70-85) apresentou-se hermético e denso. Nesse caso, foi necessário recorrer a diálogos com colegas e com os tradutores para encontrar soluções viáveis, embora muitos enigmas tenham permanecido irresolutos, como cicatrizes do próprio processo. A metáfora do corpo disforme de Frankenstein parece aqui apropriada: a colaboração, por vezes, gera sínteses coesas; em outros momentos, compõe corpos híbridos e instáveis, difíceis de unificar.

O ensaio de Theo Hermans, *O outro da tradução* (2020, pp. 100-130), trouxe novos desafios, sobretudo pela presença de termos gregos (*sermo*, *verbum*, *logos*) e referências bíblicas ligadas a São Jerônimo e ao mito da Torre de Babel. No entanto, sua clareza expositiva contrastou com a densidade de Fang, o que talvez explique minha impressão de “leveza” em sua revisão. Aqui, emerge um aspecto curioso: o peso de um texto pode alterar a percepção e o ritmo de revisão de outro, produzindo fluidez onde antes reinava exaustão.

No capítulo de Nir Kedem (*O que é tradução queer*, 2020, pp. 131-173), a centralidade recai sobre a palavra “queer” e suas derivações, mantidas sem tradução. Referências a Kant, Butler e Benjamin exigiram atenção especial, sobretudo em citações de difícil acesso. No caso do célebre ensaio de Benjamin, *A tarefa do tradutor*, optou-se por uma tradução própria a partir da versão inglesa, decisão que, embora discutível, se justifica diante da multiplicidade de versões existentes.

Por fim, o capítulo de Maria Tymoczko (*Trajetórias de pesquisa nos Estudos da Tradução*, 2020, pp. 174-199) encerra o volume como um epílogo orquestrado. Atualizando reflexões de Steiner, a autora delinea percursos que deverão permanecer férteis nas próximas décadas, destacando a interdisciplinaridade e reivindicando uma abertura às vozes não ocidentais. Sua conclusão, ao enfatizar o caráter participativo da tradução em tempos de globalização e tecnologia, ressoa diretamente com Latour (1994), para quem o sentido só subsiste em sua multiplicidade, perecendo quando reduzido a uma forma única.

O tradutor, outrora concebido como um “lobo solitário”, imerso em livros empoeirados à luz de um lampião, transforma-se, hoje, em um ser rizomático, quase um polvo de tentáculos múltiplos, conectado por telas, sons e fluxos incessantes de informação. A internet, lembra Reis et al. (2018, p. 96), dissolveu fronteiras entre homem e máquina, real e virtual, literatura e ciberliteratura, redesenhando também a figura do tradutor. Este não mais trabalha isolado, mas participa de uma rede viva, em que tradução se torna, simultaneamente, prática técnica, gesto colaborativo e experiência existencial.

Considerações finais: A mesma coisa sendo outra coisa

Pessoas são o que são porque elas são uma rede ordenada segundo certos padrões de materiais heterogêneos. Se você me tirar o computador, meus colegas, meu escritório, meus livros, minha mesa de trabalho e meu telefone, eu não seria um

sociólogo que escreve artigos, ministra aulas e produz “conhecimento”. Eu seria uma outra coisa, e o mesmo é verdade para todos nós. (Law, 1992, p. 4)

Neste artigo, procurei partilhar a tessitura de minha experiência enquanto revisor e tradutor, delineando desafios e reflexões advindos do trabalho de revisão de traduções na seara da tradutologia. Defendi a concepção de que a escrita, em sua configuração contemporânea, não se engendra no isolamento, mas se inscreve em uma rede de vozes, de comunicações e de práticas, reiterando a natureza tentacular da tradução. Dialeticamente, um texto irrompe como original, transmuta-se em tradução e ressurge em revisões e retraduições, como se estivesse sempre em processo de metamorfose social. Nada nasce no vácuo, nada se extingue sem deixar rastros: toda criação é herdeira de outras, e toda permanência se ancora na alteridade.

No objeto que me coube examinar, essa natureza comunitária encontra expressão concreta. O volume *Tradução em perspectiva: um diálogo entre tradutores e conceitos teóricos* (Marins; Uchida, 2020) foi concebido por duas organizadoras, escrito por oito

10

autores, traduzido por dezessete tradutores e revisado por quatro revisores. Uma verdadeira constelação de vozes e olhares, em que cada hesitação, cada dúvida, foi partilhada com os demais agentes, e em que o labor tradutório e revisorial assumiu a feição de uma coautoria coletiva. Esse caráter comunitário, essencial à sociedade tecnológica em que nos movemos, foi o alicerce do trabalho que aqui descrevo.

Meu propósito, assim, não foi criticar percursos nem questionar escolhas dos que, comigo, compuseram essa urdidura, mas antes evidenciar os frutos de um canal de diálogo e colaboração, aberto e pulsante. De modo implícito, contudo, pode-se entrever nesta experiência uma verdade mais ampla: ela encarna a condição de todo texto que circula entre nós. Afinal, como bem observa Koch (2001, p. 21), nenhuma obra existe isolada em si, mas em permanente diálogo com as vozes que a precedem, a acompanham e a sucedem.

Um texto se constitui enquanto tal, no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. (Koch, 2001, p. 21)

Não importa quantas mãos se entrelacem no gesto de revisar, traduzir ou escrever: o texto jamais irrompe do vácuo, tampouco floresce de um terreno uniforme. Ele se origina de um caleidoscópio de vozes, de uma constelação polifônica onde cada fragmento carrega a marca de uma ideia, de um sujeito, de uma memória. Assim como esferas multicoloridas que, ao se misturarem, engendram tonalidades inesperadas, o texto nasce do encontro de singularidades que se sobrepõem e se metamorfoseiam.

Ao refletir sobre um conto austro-húngaro sob uma ótica borgeana, recordo que “quando se pensa no princípio [...], acontece de naturalizarmos a ordem linear das coisas – como se o tempo e o espaço fossem regidos por uma unidade unidimensional: uma linha reta” (Gonçalves, 2022, p. 4). Inspirado por ensaios de Borges, compreendo que toda tessitura textual é habitada por uma infinidade de outros textos, compondo uma tempestade hipertextual em que cada vértice abre passagens multidimensionais. Assim, o sujeito que escreve se multiplica: eu sou vários “eus”; meu texto é uma miríade de textos.

Quando Borges celebra a originalidade de Kafka, compara o autor boêmio à Fênix. A analogia é, no mínimo, reveladora: o pássaro mitológico não surge do nada, mas sempre das cinzas de um corpo anterior, para, então, alçar-se em outra existência – nunca inaugural, sempre derivada e ulterior (Gonçalves, 2022, p. 5). Dessa metáfora, ressalta-se a lição de que nenhum texto é inaugural em sentido absoluto; cada criação é sempre eco, continuidade e transfiguração.

Não obstante, a cada um deve ser atribuído o mérito que lhe é próprio. É nesse espírito que busco, nesta breve reflexão, circunscrever o ofício específico da revisão de traduções de textos teóricos em tradutologia. Destaco, assim, que revisar não significa apenas zelar por aspectos formais ou linguísticos superficiais, mas assumir um papel epistemológico, capaz de reconhecer, interpretar e dialogar com os conceitos que atravessam o texto e lhe conferem densidade crítica.

É preciso ainda dar à revisão de textos traduzidos sua devida importância nas pesquisas acadêmicas e incluí-las como parte integrante do processo de tradução, sem menosprezar a figura do revisor. Acontece que, muitas vezes, a figura do revisor está presente no próprio tradutor, na forma de uma das competências que este domina, provocando, assim, o apagamento da figura do revisor em língua-alvo como um dos atores do processo de retextualização. (Vieira, 2013, p. 13)

De fato, ao redigir este artigo, deparei-me com a escassez de reflexões teóricas que se detivessem sobre o ofício do revisor em sua especificidade, para além das trivialidades já mencionadas. Por isso, nutro a expectativa de que a experiência aqui narrada possa oferecer uma contribuição a esse campo que ainda se mostra incipiente. Mais rara ainda é a discussão voltada à revisão de textos traduzidos, como observa Vieira (2013, p. 14), ao sublinhar a necessidade de resgatar tal prática como arte própria: a de um segundo leitor crítico, capaz de enxergar perspectivas que escapam ao tradutor, impedindo que a revisão se degrade à mera copidescagem.

A revisão – ao menos a que aqui relato – não se restringe à superfície gramatical ou ortográfica, tarefas que, para o horizonte desta reflexão, revelam-se marginais. No interior dessa rede de produção textual, em que tradução e revisão se enlaçam, os saberes circulam e se conectam em busca das soluções possíveis para os impasses inevitáveis. A revisão, enquanto re-visão, reabre o texto à sua origem, devolvendo-o ao ponto de partida carregado de novos sentidos, enriquecido por outros olhares. Não se percorre uma linha reta, mas um tecido em constante atravessamento, onde experiências se entrelaçam, se confrontam e se socializam.

O texto, assim, não se cumpre de uma só vez: ele se ensaia, múltiplas vezes, até que da repetição surja a diferença. É palimpsesto borgeano, sempre prestes a ser reescrito, redito, reformulado. Os pontos finais cedem lugar às vírgulas; os rascunhos eclipsam os supostos “finais”; o ensaio se impõe sobre a performance definitiva. Eis, talvez, o verdadeiro espetáculo: a textualidade em sua natureza fluida, intermitente e vertiginosa, capaz de fazer da mesma coisa algo sempre outro.

O texto, em sua essência, é metamorfose. O que lemos se transfigura a cada leitura, e a tradução é apenas o sintoma mais evidente dessa condição mutável. Ninguém conhece o alcance último de suas próprias ideias: uma vez soltas, já não lhe pertencem. Aliás, não pertencem a ninguém. Elas são de todos e de nenhum. São fragmentos em deriva, ecos sem dono, movimentos incessantes no espaço partilhado da linguagem.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, Lucas Gilberto. (2021). *Contribuições da teoria ator-rede e de Bruno Latour para a educação física*. São João Del-Rei: UFSJ
- Borges, J. (2007). Kafka e seus precursores. *Outras inquições*. Companhia das Letras.

Gonçalves, Davi. (2022). O tradutor cleptomaniaco: uma reflexão borgeana acerca do conto de Dezsó Kosztolányi. *Acta Scientiarum: Language and culture*, 44, 1-11.

Koch, Villaça. (2001). *O texto e a construção dos sentidos*. Contexto.

Latour, Bruno. (1994). *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Editora 34.

Latour, Bruno. (2012). *Reagregando o social: uma introdução a Teoria Ator-Rede*. EDUFBA.

Law, John. (1992). Notas sobre a teoria do ator-rede: Ordenamento, estratégia e heterogeneidade. *Depois do método*. Vozes.

Marins, Liliam; Uchida, Aline. (2020). *Tradução em perspectiva: um diálogo entre tradutores e conceitos teóricos*. Solar dos Livros.

Reis, Fabíola et al. (2018). Traduções colaborativas: o caso das fanfictions. *Ilha do desterro*, 71, 93-107. <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2018v71n2p93>

Steiner, George. (1998). *After Babel: Aspects of language and translation*. Oxford University Press.

Vieira, Erika. (2013). Sobre os desafios e os limites da legibilidade da tradução. *Vertentes*, 20, 1-16.

13

¹ ANT: Actor-Network Theory (Teoria Ator-Rede)